

## Por uma ética de uma prática singular

Jean-Marie Fossey

*A psicanálise não é uma ciência, é uma prática.*

Lacan, 2 de dezembro de 1975

Instituto de Tecnologia de Massachusetts

No final de seu seminário sobre ética, Lacan questiona o motivo de um pedido de análise. O que se pode pedir ao analista? Ele responde de forma direta: felicidade. Esse compromisso aceito não é isento de consequências éticas. Em uma travessia dessa relação com o inconsciente, com essa questão da felicidade no centro do pedido de cura, que promessa o analista pode fazer? Nada além de seu desejo. Um novo desejo, um desejo informado, um desejo do Outro voltado para o conhecimento. Um desejo ligado àquele famoso imperativo lacaniano de "não ceder ao desejo".

Como sabemos, a ética não pode ser reduzida a uma simples questão de moralidade ou normas sociais. Ela diz respeito à maneira pela qual o sujeito, em análise, se posiciona em sua relação com seu desejo e seu gozo. A ética na psicanálise, a ética do psicanalista, posições que não podemos deixar de questionar, e essa reunião de várias associações analíticas é um momento ímpar para retomar essa questão.

Em nome da European Foundation for Psychoanalysis, gostaria de dar as boas-vindas a este congresso, um evento importante para a psicanálise. Mais de trinta associações de todo o mundo se reuniram, o que é certamente um feito quando sabemos que nossa disciplina tem a particularidade de ter várias instituições em cada país. Isso não deixa de dar origem a abordagens plurais, às vezes até mesmo a divisões em pontos doutrinários. As muitas divisões que tivemos dentro de uma mesma associação ou entre sociedades, os conflitos, as rupturas, são testemunhas disso. Quando esse não é o caso, há outro caminho a ser seguido, o do ideal de grupo, onde o risco da ideologia é grande. Com, como Maud Mannoni nos lembrou, suas vítimas sacrificiais, sua violência, suas tiranias. Poderíamos pensar que, com a experiência de análise, os analistas estariam mais aptos a identificar as questões em jogo e, em particular, aquelas ligadas a tensões, conflitos de status e rivalidades de poder. Mas devemos observar, à luz da história da psicanálise, que esse não é o caso, e que o freroísmo, para usar a boa palavra de Lacan, nunca está muito distante. Sem contar o que Jean Clavreul nos lembrou em um texto intitulado *Ética*: "As sociedades psicanalíticas se comunicam mal entre si e acabam adotando uma linguagem própria, que acaba funcionando como uma metalinguagem acessível apenas aos iniciados e que se torna, assim, uma linguagem de domínio.

Mas... em *L'Eau et les Rêves*, Gaston Bachelard escreve que "Na batalha entre o homem e o mundo, não é o mundo que começa". Portanto, esperemos que o homem, e para este congresso, o psicanalista, seja capaz de tomar iniciativas, de fazer uso de seu conhecimento, de sua criatividade e de sua perseverança para superar os desafios. Para este evento, compartilhar, enriquecer-se e, por que não, discutir, discutir no sentido nobre da *disputatio*, pedra angular da transmissão e produção do conhecimento. Por essa razão, gostaria de agradecer calorosamente ao movimento Convergência, aos iniciadores e organizadores deste congresso por nos permitir este momento frutífero de encontro.

No contexto dessas apresentações institucionais, achei difícil posicionar minha intervenção como o resultado da orientação política de nossa associação nos últimos anos. Por outro lado, gostaria de enfatizar que, de acordo com as propostas de Gérard Pommier e de alguns outros, a FEP apoiou, defendeu e se comprometeu, por meio de suas iniciativas, a colocar a questão do

feminino reprimido e da violência contra a mulher no centro de seu trabalho, de seus colóquios e de seus escritos, a restaurar a centralidade do que faz a estrutura de um sujeito, a proibição do incesto, e a denunciar a crescente hegemonia da neurociência.

Entre todo o nosso trabalho em relação ao tema deste congresso, escolhi abordar dois pontos éticos frequentemente debatidos, centrados na autoridade do conhecimento.

Sabemos que não existe um conhecimento universal. Freud e Lacan nunca deixaram, em seus ensinamentos, de questionar, de pensar, de abalar a psicanálise e seus conceitos. Assim, em 1937, Freud escreveu: "a análise não trabalha com poderes ilimitados, mas com poderes restritos", lembrando-nos de que o inconsciente é definido como um saber que não se sabe.

A cura nos faz passar do amor pelo conhecimento para o desejo de saber. E é, sem dúvida, desse desejo de saber que se nutre o ensino da psicanálise. A *transferência do trabalho*, diria Lacan, sublinhando o quanto esse desejo é o motor de um ensino possível de um sujeito a outro.

Com essa ética da transmissão, um saber, como sempre foi na F.E.P., questionado, longe de qualquer saber absoluto. E, assim, deixar seu lugar a uma psicanálise ligada ao inesperado, à teoria a jusante e não a montante da clínica. Uma teoria como ficção, para que ela não se torne uma defesa contra o que o sujeito diz, uma condição essencial para que algo do inconsciente possa emergir.

Seguindo os passos de Lacan, nós da FEP continuamos a defender que a psicanálise não precisa ocupar seu lugar entre as ciências, mas sem ignorar a ideia que a ciência tem da psicanálise. E essa não é uma tarefa fácil. Deve-se notar que muitas vezes estão se levantando para questionar essa prática de mais de um século. Uma prática que fez com que uma das figuras mais eminentes da literatura européia da primeira metade do século XX, Thomas Mann, dissesse que a descoberta freudiana, a do inconsciente, uma vez descoberta, "nunca mais poderia desaparecer". E, no entanto, para citar apenas uma dessas vozes, muito recentemente um neuropsicólogo, professor do Collège de France, martelou o ponto de vista de que "Infelizmente, na França há uma enorme influência residual da psicanálise (...). É preciso saber que se trata de uma teoria antiga. (...) Ela foi superada por descobertas recentes nas ciências cognitivas e nas neurociências. (...) nosso país precisa superar esse estado de coisas e ser capaz de levar em conta os dados das ciências (...)".

O resultado: uma virtual exclusão do significante *psicanálise* em favor de caminhos de pesquisa limitados à neurociência e à inteligência artificial. Na França, na esteira da conferência de 2021 sobre saúde mental e psiquiatria, 80 milhões de euros foram destinados a uma psiquiatria do futuro centrada em três direções de pesquisa: fatores de risco genéticos, redefinição dos módulos funcionais envolvidos nos transtornos mentais e reposicionamento farmacêutico. Um programa baseado em respostas terapêuticas, com foco em estimulação transcraniana, psicoeducação e terapias cognitivas e comportamentais. Em nome de uma autoridade do conhecimento, por um lado, uma saída pura e simples da importância da psicanálise nos avanços da psiquiatria atual. Por outro lado, uma redução da psique a um funcionamento de órgão, a um funcionamento de interações químicas. Uma orientação inaceitável que equivale a silenciar o sujeito e seu desejo.

Quanto aos psicanalistas, devemos ter o cuidado de não ceder às miragens e ao fascínio do saber constituído, ou mesmo de uma psicanálise idealizada. Neste momento da cultura em que nos encontramos, com a atualidade da guerra, da criminalidade, da repressão estatal, da violência sexual, da violência dos insultos e da humilhação, os psicanalistas são convidados a dar respostas. São convidados a dar sua interpretação, a lançar luz sobre este ou aquele fenômeno social e político, às vezes sem muita cautela. Lacan, durante suas conferências na América do Norte, chegou a dizer que "não temos como saber se o inconsciente existe fora da psicanálise".

Não nos esqueçamos de que a resposta freudiana é clara e inequívoca: a psicanálise é, acima de tudo, uma prática. Em 1923, Freud escreveu: "Mas também exigimos que qualquer pessoa que queira praticar a análise em outros deve começar por se submeter a uma análise". Lacan, por sua vez, lembrou em seus *Écrits*: "Quer queira ser um agente de cura, de treinamento ou de sondagem, a psicanálise tem apenas um meio: a palavra do paciente".

Atualmente, é a teoria de gênero que divide os analistas, assim como aconteceu em sua época com a homossexualidade, o PACS, o casamento para todos e a homoparentalidade. Após um congresso de analistas, a filósofa e psicanalista Mathilde Girard escreveu em um artigo que o filósofo Paul B. Preciado jogou "uma pedra no lago de uma psicanálise com estruturas envelhecidas, revelando assim a necessidade política de evolução da disciplina".

Mas por que a teoria psicanalítica deve ou não rejeitar a teoria de gênero? Por que deveríamos ser a favor ou contra os movimentos queer? Por que teríamos de descobrir, forçando, que essa questão já estava em germe no ensino de Lacan?

É necessário que o psicanalista ocupe um lugar no laço social, por meio de compromissos e, principalmente, da transmissão desse conhecimento que nosso tratamento e o das pessoas que recebemos nos ensinam. Mas isso só pode ser uma questão de conhecimento não fechado.

Patrick Guyomard, em *Le désir d'éthique*, escreve que "antes de almejar o universal, a ética exige uma diversidade de pontos de vista". Nossas propostas e discursos não deveriam permanecer como hipóteses de trabalho? Hipóteses apresentadas por alguns, refutadas por outros. Sem perder de vista esse imperativo freudiano, lacaniano, de que a psicanálise é uma prática regulada pelo jogo dos significantes de um analisante, uma prática dessa profissão impossível, a do psicanalista, que acolhe a tomada da palavra, para além do que é dito.

Afinal de contas, quando recebemos um pedido de análise, não estamos recebendo um homossexual, um transgênero, um heterossexual... mas um sujeito que vem fazer uma viagem para ser um pouco mais esclarecido sobre o que o atravessa, enfim, um verdadeiro trabalho de compromisso com a cura.

Ao abrigo da vontade de uma autoridade do saber, com um discurso sobre o desejo, um trabalho de teorização feito com nossos analisandos, um dever de melhorar a posição do sujeito, uma prática de caso a caso, uma liberdade para cada analista com seu estilo na direção da cura, um acolhimento o mais próximo possível do saber que nos é ensinado por nossos analisandos, uma posição de estar lá para ouvir a palavra, onde cada analisando pode se tornar um sujeito de acordo com seu próprio modo de ser, singular, original, esses poucos pontos de referência não poderiam ser uma bússola eficaz para uma ética na prática da psicanálise?